



AJURIS

Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul

CADERNO DE LITERATURA

DEZEMBRO 1999 - Nº 6

Glauco R. Viegas 1999

Sumário

Alma Brasileira

Antonio Guilherme Tanger Jardim	3
Correio	4
Editorial / Jorge Adelar Finatto	5

ARTIGOS

Um Congresso com História	
Sálvio de Figueiredo Teixeira	6
Um depoimento sobre o "Sabadoye"	
Alphonsus de Guimaraens Filho	8
João Cabral em Porto Alegre	
Sérgio Ribeiro Rosa	10
Lembranças de um tradutor	
José Vellinho de Lacerda	12
Os mortos insepultos	
Wilson Chagas	14

NARRATIVAS

Não presta...	
Adroaldo Furtado Fabrício	17
O Livro da Vastidão / Alberto Crusius	18
Mandrake / José Carlos Laitano	19
A loba de Roma / Jane Fischmann	20
O encardido da vida	
Afif Simões Neto	contracapa

POEMAS

Soneto da Enseada / A Carga	
Lêdo Ivo	21
Subway / Paisagem com crianças	
Paulo Fabris	22
Canção da bruma	
Jorge Adelar Finatto	23
Esperando	
Antonio Kleber Mathias Neto	24
Felicidade	
Manoel Celeste dos Santos	24
Mareação do adeus / Morte na estrada	
Carlos Saldanha Legendre	25
A procura / Justino Vasconcelos	26
O que mais conta / Adauro Suannes	26
Sensibilidade / Irineu Mariani	26
Dois poemas / César Lattes	27

Expediente

Presidente da AJURIS

Antonio Guilherme Tanger Jardim

Vice-Presidente Cultural

Breno Moreira Mussi

Diretor do Departamento de Cultura

José Carlos Laitano

Diretor do Caderno de Literatura

Jorge Adelar Finatto

Conselho Editorial

Antonio Guilherme Tanger Jardim,

Carlos Saldanha Legendre,

Jorge Adelar Finatto e José Carlos Laitano

Assessoria Editorial

Sérgio Ribeiro Rosa

Planejamento e Execução Gráfica

Gráfica Editora Pallotti

(0xx51) 341.0455

Jornalista Responsável

Isabel Araújo - Reg. Prof. 7843

Projeto Gráfico

Margarete Rosa Ribeiro

Revisão

Irene Katter Hack Tavares (Professora de

Português e Bacharelada em Direito)

AJURIS - Rua Celeste Gobbato, 229

5º andar - 90110-160 - Porto Alegre - RS

Fone (0xx51) 211.5177 - Fax 224.6844

E-mail: ajuris@ajuris.org.br

Tiragem: 17.000 exemplares

Distribuição gratuita

Nossa capa

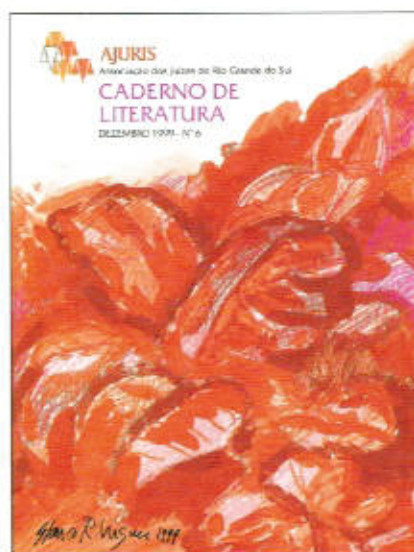
O renomado artista Glauco Rodrigues passa a fazer parte da seleta galeria dos amigos do Caderno de Literatura. Criou esta bela obra especialmente para a capa da presente edição.

Glauco é hóspede permanente do belo, que em suas mãos se revela a cada toque na tela.

Pintor, desenhista e gravador, nasceu em Bagé/RS, 1929. Começa a pintar em 1945 e, em 1948, participa da coletiva "Os Novos de Bagé", em Porto Alegre. Em 1949, estreia no Salão Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, Divisão Moderna. De 1951 a 1956, faz parte do Clube de Gravura de Bagé e do Clube de Gravura de Porto Alegre.

Em 1958, integra o grupo fundador da revista "Senhor", RJ. Em 1960, recebe o "Prêmio Viagem ao País". Em 1961, como artista exclusivo da "Petite Galerie", RJ, faz sua primeira exposição individual e é um dos artistas da delegação brasileira na "II Bienal dos Jovens", em Paris. Em 1963, viaja para Roma onde reside por três anos e meio. Durante esse período, realiza várias exposições, coletivas e individuais, na Itália e na Alemanha. Participa, em 1964, da XXXII Bienal de Veneza.

Em 1965, de volta ao Brasil, fixa residência no Rio e, desde então, vem rea-



lizando inúmeras mostras individuais e coletivas de seus trabalhos no Brasil e no exterior. Destaca-se a individual "Terra Brasilis", Galeria Bonino, Rio, 1979. Segundo Roberto Pontual, Glauco pôs em marcha um sistema todo seu de linguagem, o qual, ainda praticado, merece a etiqueta de Tropicalismo Crítico. Para Rubem Braga, uma pintura brasileira.

Em 1999, foi agraciado com o Prêmio Nacional da Cultura - Artes Plásticas, do Ministério da Cultura.

Contracapa: Arte de Helena Kanaan, ilustrando texto de Afif Simões Neto. Para nossa alegria, Helena se integra ao Caderno de Literatura com seu reconhecido talento.

A artista nasceu em Bagé em 1961. É mestra pela UFRGS e especialista em litografia pela Scuola d'Arte Grafica Il Bisonte, de Florença, onde residiu com bolsa de estudos logo após ter sido bacharelada em gravura pelo Instituto de Letras e Artes da UFPEL, na qual, a partir de 1991, torna-se professora na área gráfica. Integrrou o grupo de gravura Oficina 11 e frequentou o Atelier Livre da Prefeitura em Porto Alegre. Tem em seu currículo doze individuais e diversas coletivas no País e exterior. Suas gravuras fazem parte de acervos públicos e particulares, no Brasil, Espanha, Itália, Bélgica e Canadá.



■■■ O Caderno de Literatura da AJURIS não é vendido, e todas as colaborações são feitas a título gratuito. É distribuído aos magistrados brasileiros, escolas, universidades, agentes e entidades culturais de diversos Estados.

■■■ Atenção: A fim de possibilitar uma melhor distribuição e atualizar nossos registros, solicitamos que os interessados em continuar recebendo a publicação se manifestem nesse sentido por carta, fax ou e-mail.

Alma Brasileira

Fato apurado e comprovado ao longo de nossa história é o da maravilhosa alma do povo brasileiro, que sempre soube superar todas as crises pessoais e coletivas com humor e musicalidade, sem raivas e sem guerras. Até as poucas que aconteceram não significaram grandes hecatombes.

Um País esplêndido, que, por desgraça, parece estar perdendo a alma... e o rumo.

Seus pobres transformam-se em miseráveis. Seus remediados empobrecem. Seus ricos, cada vez em menor número, porém mais ricos.

A miséria de uns e a ganância de outros trouxeram a violência. Primeiro nas cidades, hoje também nos campos. Pobres campos, que alimentam, mas são incapazes de se auto-sustentarem.

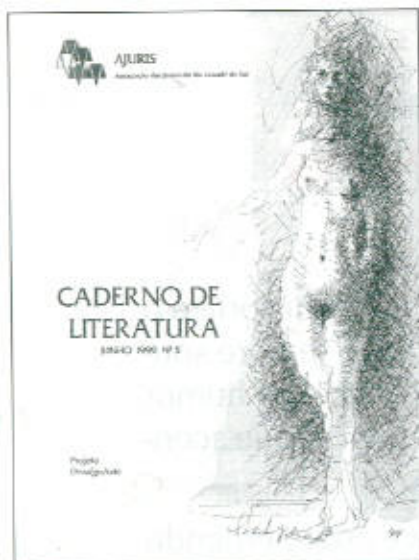
E as instituições, que nunca foram fortes, contudo, tinham uma certa funcionalidade e credibilidade. Hoje, sinônimo de ineficácia, servem, muitas delas, a interesses privados e geralmente externos.

A única instituição, que cumpria e ainda cumpre seu papel razoavelmente, está sendo reformada para cair na vala comum. O sistema exige que se enfraqueçam o Judiciário e os juízes para que, dóceis, não ousem reconhecer ilegalidades e inconstitucionalidades praticadas em nome de "salvadores" projetos políticos ora da direita, ora da esquerda.

Se não encontrarmos, logo, um rumo em que se priorize o Brasil e seu povo, perderemos nossa alma e o nosso futuro.

Em nome do destino de nossos filhos e netos, temos o dever de reencontrar nossa trajetória de paz. Resgatemos a alma brasileira, respeitando a História e a Cultura do País, como se pretende com este **Caderno de Literatura**. ■

Desembargador Antonio Guilherme Tanger Jardim
Presidente da Ajuris



@ Agradeço-lhe a gentil remessa de exemplar do *Caderno de Literatura*, ao tempo em que envio minhas congratulações pelo sucesso da revista, que já se encontra em sua quinta edição.

Ministro Antônio de Pádua Ribeiro
Presidente do Superior Tribunal de Justiça

@ Encantada, agradeço o envio do *Caderno de Literatura* nº 5 da Ajuris. Sonhando, penso um dia em imitar a louvável iniciativa da Ajuris, sempre um modelo para o Brasil e América Latina. Prossiga.

Juiza Marga Barth Tessler, TRF da 4ª Região

@ Felicito-os por mais este número do *Caderno de Literatura*, fazendo votos que esta publicação tenha grande receptividade junto ao público leitor especializado.

Araldo Niskier
Presidente da Academia Brasileira de Letras

@ Parabéns pelo *Caderno de Literatura*; lira, espada, balança envoltas em emoção.

Alyrio Cavallieri - Rio de Janeiro

@ O *Caderno de Literatura* está esplêndido. Era o que faltava no Judiciário.

Cármine Antônio Savino Filho
Juiz de Direito - Rio de Janeiro

@ Parabéns a todos os juizes escritores e, acima de tudo, aos excepcionais seres humanos que deixaram suas palavras no Ajuris nº 5 de junho de 99. São

peçoas e profissionais como esses que ainda me fazem acreditar que nosso País pode ser mais justo e garantir um futuro mais digno.

Andrea Lima Diniz
Estudante de Direito - Rio Claro/SP

@ Com grande alegria acusamos o recebimento desta maravilhosa obra de arte - o *Caderno de Literatura* nº 5. Nós, poetas e psicoanalistas do Grupo Cero, temos um aforismo: "Se é possível o poema, é possível a vida". Assim "atravessamos com o verbo o rigoroso nevoeiro". É elogiável esta abertura "deste canal de comunicação entre juizes e sociedade".

Lúcia Bins Ely
Escola de Poesia e Psicoanálise
Grupo Cero - Porto Alegre

@ Muito boa mesmo a revista *Caderno de Literatura*, junho 1999, nº 5! Enquanto houver poesia, literatura e arte, sem dúvida, as coisas vão bem.

Des. Luiz Carlos Biasutti
Tribunal de Justiça de Minas Gerais

@ Cumprimento esta entidade pela edição nº 5 do *Caderno de Literatura* da Ajuris, pela qualidade e utilidade enquanto um instrumento de interação dos representantes do judiciário com a sociedade, contribuindo para aproximar o magistrado da realidade social.

Rogério Favreto
Proc. Geral do Município de Porto Alegre

@ É com satisfação e agradecido que acuso o recebimento do número 5 do *Caderno de Literatura*, produzido e editado por V.S.ª É uma publicação essencial pelo conteúdo magnífico, pela qualidade literária e técnica que enobrece a literatura. Como advogado e escritor, sinto-me orgulhoso pela iniciativa e realização, desejando que o *Caderno* continue circulando. Parabéns e obrigado.

Paulo Wainberg - Escritor e advogado

@ Obra de excelente qualidade, com abordagem diferenciada e, especialmente, com produções intelectuais e literárias de grande esmero. Parabéns!

Adriana Goulart de Sena
Juiza do Trabalho - Minas Gerais

@ Com o nº 5, este é o terceiro exemplar do *Caderno de Literatura* que recebo. Já se faz a hora de agradecer a atenção e dizer de minha satisfação: sabia de manifestações poéticas entre Magistrados, mas percebo agora que há considerável produção relevante, continuada, merecedora dessa publicação. No contraponto das vicissitudes do cotidiano profissional, dar espaço para a literatura e divulgar esse trabalho, entre instituições de ensino e culturais, engrandece a Ajuris e beneficia a comunidade.

Maria Helena Martins
Diretora-presidente do Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins

@ O projeto "DivulgaArte" é, sem dúvida, uma feliz iniciativa, pois, além de revelar os talentos literários de muitos magistrados, aproxima os colegas, propiciando-lhes momento de inegável deleite, dada a qualidade das publicações.

Des. Estevam Maia
Tribunal de Justiça do Distrito Federal

@ A publicação dessa revista se consolidará, por certo, como importante veículo de comunicação entre juizes e sociedade, revelando, ao mesmo tempo, a sensibilidade artística de que são portadores nossos magistrados.

Astrogildo de Freitas
Desembargador-RJ, aposentado

@ Cumprimento essa Presidência pela iniciativa, dirigida a mostrar que a magistratura também pode ser poesia, prosa, conto, enfim, emoção e sentimento.

Antônio Carlos Mathias Coltro
Juiz do Trib. de Alçada Criminal de São Paulo

@ Aproveito o ensejo para felicitar esse empreendimento intelectual, cuja idéia se identifica com a publicação que realizamos na Revista da Amepa. Enalteço a composição e o conteúdo soberbo do *Caderno de Literatura*, frutos da inteligência de seus diretores e redatores.

Luiz Ernane Ferreira Ribeiro Malato
Juiz de Direito - Diretor Cultural da Associação dos Magistrados do Pará





Ilustração de Sônia Heinz

A grande notícia é estar vivo

A Arte e a Literatura não têm o poder de mudar a realidade. O tempo é escuro (a brutalidade e o medo invadiram nossos dias). Mas sabemos: escrever e criar é sempre luz na caverna. Mão estendida a quem não conhecemos.

A delicadeza fugiu para uma ilha que ninguém sabe direito onde fica. Estamos em viagem em busca da ilha perdida. A criação é a nave que nos conduz.

A experiência estética e o exercício da sensibilidade tornam o indivíduo mais humano. É a partir da emoção, e não somente da razão, que se constrói uma existência melhor para todos.

Os indiferentes não estão à altura da vida que recebemos.

Com esse espírito nos reunimos no **Caderno de Literatura**, desde o lançamento, em junho de 1996.

A revista está presente nos gabinetes e nos corações dos magistrados brasileiros. E mais: aumenta o número de leitores entre artistas, escritores, estudantes e a comunidade em geral. O reconhecimento, além de motivo de júbilo, reforça a convicção de que vale a pena seguir nesse caminho, que é o da comunhão pela Cultura. Revela, também, que existe um amplo e generoso espaço de convivência entre a Magistratura e a Sociedade.

Esta edição é dedicada a João Cabral de Melo Neto (09.01.1920 - 09.10.1999), um dos grandes poetas do século em todo o mundo. Pernambucano, brasileiro, universal João.

Abraços e Feliz Ano 2000 a todos! ■

Jorge Adelar Finatto

Diretor

E-mail: jfinatto@zaz.com.br

Um Congresso com história, sentimentos e ideais comuns*

Sálvio de Figueiredo Teixeira**

Se a palavra "saúde" é das mais belas de quantas existem na língua que nos une e que expressa as nossas emoções, tristezas e alegrias, até porque, ao refletir um sentimento presente, misteriosamente engloba, no dizer de **Reale**, passado e futuro, outra há, "gratidão", que melhor caracteriza a gente luso-brasileira, para quem os valores do coração compõem o universo primeiro da essencialidade.

Daí o desejo, que neste momento se impõe como dever e cortesia, de começar por agradecer.

Agradecer, de início e de minha parte, o honroso convite da direção deste "Congresso Portugal-Brasil, Ano 2.000", no tema Direito, para falar pelo meu País no seu encerramento solene, ao lado do Conselheiro **Cardoso da Costa**, Presidente da Corte Constitucional, e dos não menos eminentes Professores Doutores **Avelãs Nunes** e **Gomes Canotilho**, duas das mais altas expressões da comunidade jurídica portuguesa: o primeiro, dinâmico e culto Diretor do Conselho Diretivo da Faculdade de Direito de Coimbra, de tantas glórias e prestígio; o segundo, Jurista que se impôs à admiração e ao respeito do mundo contemporâneo como um dos seus maiores constitucionalistas, um e outro pródigos nos gestos de cordialidade e fidalguia.

Mandatário de tão enobrecedora missão, e sob essa moldura de afetividade, princípio por agradecer-lhes, a eles, aos seus ilustres Pares e Auxiliares, as múltiplas atenções com que temos sido distinguidos neste histórico e inesquecível Congresso.

Se o agradecimento que ora se faz também alcança os brasileiros que aqui vieram, muitos acompanhados de familiares e amigos, para dar brilho ainda maior às festividades comemorativas dos quinhentos anos do descobrimento, peço-lhes licença para direcioná-lo aos nossos anfitriões, que nos acolheram com o calor que sempre uniu os nossos dois povos, irmãos pela história, pela raça, pelas tradições, pela língua comum, pelas origens culturais e pelos sentimentos mais puros da alma humana, valendo-me, para tanto, dos belos versos de **Camões**, o nosso poeta-maior:

*"Assim que a vida é alma e esperança,
E tudo quanto tenho, tudo é vosso;
E o proveito disso eu só o levo,
Porque é tamanha bem-aventurança,
O dar-vos quanto tenho e quanto posso,
Que quanto mais vos pago, mais vos devo".*

Não pretendo, todavia, nestes breves momentos, limitar-me ao agradecimento. Em igual intensidade, quero expressar cumprimentos a quantos proporcionaram a realização deste Congresso, aos seus dirigentes e orga-

nizadores, notadamente ao Min. **Marcos Vilaça** e ao Dr. **Urbano Vitalino**, que com lucidez e dinamismo levaram a bom termo a sua missão, às equipes de sustentação, aos eminentes conferencistas, expositores e debatedores que nos encantaram com suas teses e intervenções, aos universitários e operadores do Direito vencedores do concurso de monografias, às editoras que deram singular relevo ao encontro.

Cumprimentos especiais quero externar a essa admirável Universidade de Coimbra e à sua egrégia Faculdade de Direito, de cujas Arcadas saíram as primeiras gerações de juristas brasileiros. Cumprimentos, com inescondíveis orgulho e emoção, pelo gesto elegante e justo em contemplar, com o doutoramento *honoris causa*, cinco dos mais cultos e respeitados mestres da ciência jurídica brasileira, os ilustres professores **Caio Mário da Silva Pereira**, **Fábio Konder Comparato**, **Galeno Lacerda**, **Luiz Pinto Ferreira** e **Vicente Marotta Rangel**.

Nestes quinhentos anos de existência, certo é que vez por outra divergimos, como é próprio e compreensível nas relações pai e filho. Mas essas eventuais divergências, longe de nos afastar, acabaram por nos aproximar ainda mais, a começar pelo ato da nossa independência, proclamada

por um filho da Pátria-mãe, que no Brasil deixou como penhor o próprio filho.

Pela bravura e pelo espírito destemido da gente desta terra fomos descobertos e chegamos à organização social que hoje nos acolhe, formada pela união indissolúvel de Estados, Municípios e Distrito Federal, Estado democrático de direito que tem como fundamento a soberania, a dignidade da pessoa humana, a cidadania, o pluralismo político, os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa, na aspiração comum, como proclama a nossa Lei Maior, de construir uma sociedade livre, justa e solidária, garantir o desenvolvimento nacional, erradicar a pobreza e a marginalização, reduzir as desigualdades sociais e regionais, promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Com avanços, tropeços e até mesmo retrocessos, e não obstante as profundas e amargas desigualdades sociais, somos, mercê de Deus, uma nação livre e democrática, a abrigar um povo ordeiro, trabalhador, alegre, cordial e convivente.

Temos, portugueses e brasileiros, percorrido juntos um longo caminho. Suas leis foram as nossas leis. Somente sob a égide das Ordenanças Afonsinas, Manuequinas e Filipinas, fomos regidos por mais de três séculos. Se a Independência nos separou politicamente e nos fez trilhar caminhos diversos, se regimes totalitários turvaram em certos mo-

mentos os nossos horizontes, tais tremores não foram suficientes para abalar as nossas raízes comuns e as nossas relações, marcadas pelo respeito mútuo e pela cordialidade da convivência desde os primeiros contatos entre lusitanos e nativos, como já anotava **Caminha** em sua cartadocumento, transformada em versos pela aguda sensibilidade humana e poética de **Manoel Alegre**, filho adotivo desta cidade, a nos repetir, embora em outro contexto, que "o nosso amor é de saudade". Foi nestas ladeiras, sob o manto das lições centenárias de sua Universidade e dos seus juristas, ontem tão respeitáveis como hoje, que buscamos os primeiros alicerces da nossa ordem jurídica.

Tudo isso também é motivo de orgulho para nós, brasileiros. Daí envaidecer-nos a circunstância desta celebração realizar-se nesta cidade-canção, relicário das mais belas e nobres tradições na formação da cultura jurídica brasileira, a emoção em participar deste Congresso, no qual, revendo o passado, analisando o presente e projetando o futuro, intercambiamos idéias, aprofundamos reflexões, reafirmamos a crença no Direito e proclamamos a primazia dos direitos fundamentais.

Com este espírito aqui viemos, embalados pela esperança, a mesma que há cinco séculos levou três caravelas, algumas dezenas de homens e muita bravura a um mundo novo, às terras de Santa Cruz. A esperança de que,

nos horizontes de um novo mundo, a comunidade luso-brasileira seja luz e seja norte, sob a proteção dessa arte de conduzir os homens que é a ciência do Direito, a mesma que elegeu Coimbra um dos templos da sua celebração.

Se "a vida é a arte do encontro, embora haja tantos desencontros pela vida", como murmura o cancionero popular brasileiro nos versos de **Vinícius de Moraes**, e se "tudo vale a pena se a alma não é pequena", como diz **Fernando Pessoa**, valeu esperar por estes quinhentos anos. Para renovar os nossos laços de fraternura e ter a certeza de que estamos a caminhar para o novo século e o novo milênio, comunicando os mesmos ideais e o sonho comum de um mundo melhor, mais humano e feliz.

Que assim seja, são os votos da gente brasileira. ■



Ilustração de Sônia Heinz

* Discurso pronunciado por ocasião do encerramento do "Congresso Brasil Portugal – Ano 2000/Direito", nas comemorações dos 500 anos de descobrimento do Brasil, Coimbra, 25.06.99.

** Ministro do Superior Tribunal de Justiça e um dos Coordenadores do evento.

Um depoimento sobre o "Sabadoyle"

Alphonsus de Guimaraens Filho*

O Sabadoyle é tão importante que mereceu de um dos seus ilustres frequentadores, o escritor Homero Senna, um livro excelente, a que ele denominou *História de uma Confraria Literária*, publicado pela Biblioteca Reprográfica Xerox no Rio de Janeiro, em 1985. Aí se conta admiravelmente como foi o percurso da reunião dos sábados em casa de Plínio Doyle, o esplêndido bibliófilo, até 1984.

Devemos assinalar, desde logo, que o Sabadoyle principiou em 1964, na Rua Barão de Jaguaripe, 62, no bairro carioca de Ipanema. Homero Senna registra no seu livro (p. 1): "Estava-se em 25 de dezembro de 1964, data da visita de Carlos Drummond de Andrade à residência do casal Plínio Doyle (...) Por alguns anos ali chegavam, aos sábados, à tarde, os amigos convocados. Com o tempo, cresceu a biblioteca e aumentaram os convivas, quando Plínio Doyle, na coincidência de uma construção ao lado, adquiriu o apartamento do 2º andar da mesma rua, nº 74, e para lá se foram amigos e livros".

Passei a frequentar o Sabadoyle a partir de 1972. Recém-chegado de Brasília, onde havia morado durante doze anos, logo recebi o convite muito amável de Plínio Doyle: no convívio alegre e descontraído (muito sabiamente Plínio Doyle fez sentir a todos que ali só se trataria ou sealaria de literatura, vedada a discussão ou debate em torno de assuntos polêmicos, a exemplo de política e religião), eu me senti, como os demais se sentiram, muito à vontade naquele ambiente tranqüilo e reconfortador.

Um sábado, em 11 de novembro de 1972, Plínio me surpreendeu com um convite: fazer a primeira ata do Sabadoyle, de preferência em verso. Foi quando improvisei um pequeno poema, assim rematado:

*Livro, livro, vá em frente!
E a todos reúna, e valha.*

E ele a todos reuniu e valeu. Nos sábados seguintes, não faltaram atas em prosa e verso. E daí por diante.

Mas às reuniões ainda não fora dado o nome de Saba-

doyle. Este foi a mais que admirável criação de um grande poeta: Raul Bopp, na ata de 6 de abril de 1974, elaborada em quadras muito curiosas. Na pequena introdução, diz ele que às reuniões dava o nome de Sabadoyle, por se realizarem habitualmente aos sábados e na Biblioteca de Plínio Doyle. Na introdução, já agora do poema, escreveu o autor de *Cobra Norato*:

*Na casa de Plínio Doyle
só há uma obrigação:
cafezinho e um bate-papo
de sua predileção.*

Depois, dedica quadras a alguns dos frequentadores, todas saborosas. Veja-se como ele fala do grande Drummond:

*Vem Drummond, rei dos poetas,
meio tímido, mas vem.
Pelas coisas que ele escreve
todo o Brasil lhe quer bem.*

Seguiram-se atas em comemoração de expressivas datas relativas a notáveis figuras das letras nacionais do presente e do passado, bem como as natalinas (estas já reunidas num belo livro). A conversa era boa,

convidativa. Pequenos flagrantes poderiam ser lembrados. Como este de Drummond, por exemplo. Deu-se que, numa tarde de sábado, o nosso Plínio Doyle nos presenteou com a surpresa de nada menos que um autógrafo de Castro Alves, coisa das mais raras. Todos o examinamos, com o maior interesse, é claro. Pois Drummond saiu-se, de repente, com esta:

***Coitado do Plínio Doyle,
Está pensando que o
autógrafo é de Castro Alves.
Mas sabe-se que o poeta não
cortava o t de Castro. E aqui
está cortado.***

Rimo-nos todos, principalmente Plínio, e o ambiente era todo – como sempre foi – de festa e alegria.

O Sabadoyle se compunha, vamos dizer assim, de membros efetivos e daqueles que podemos considerar como sendo “em trânsito”. Entre os primeiros – que eram os verdadeiros freqüentadores – menciono alguns (fico apenas entre os mais velhos): Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Afonso Arinos de Melo Franco, Cyro dos Anjos, Murilo Araújo, Raul Bopp, Álvaro Cotrim (Alvarus), Luís Viana Filho, Américo Jacobina Lacombe, tantos, tantos mais, sem esquecer que entre os mais mo-

ços há, também, figuras de alto e reconhecido valor. Fico por aqui, porque seria impossível mencionar todos.

Não se pode esquecer, é óbvio, Esmeralda, a dedicada e saudosa esposa de Plínio Doyle, formando ambos um casal a que me referi assim, na ata de Natal de 22 de dezembro de 1972:

***Ele e Esmeralda – esse casal
que em verso ousou pôr,
mas que um verso íntegro e
uno compõe, com ser tão
uno e tão diverso, tão pleno
de uma íntima harmonia
que ambos transmitem no
seu universo, numa casa
que acolhe e que inebria.***

Nem se deve esquecer, também, Sônia, a filha do casal que, com a morte da mãe, passou a cercar de todo carinho e assistência o pai.

E Idalina, a solícita e dedicada Idalina, a quem Drummond assim se referiu em ata de 14 de janeiro de 1983:

***500, 500 vezes
a fiel Idalina traz quentinho
o café, depois de servir sorvete
com biscoitos.***

Entre os “em trânsito”, figura o grande poeta mineiro Emílio Moura, que desceu de

Belo Horizonte para se fazer presente no Sabadoyle, enriquecendo-o. Além dele, lembro que o notável poeta que foi Mário Quintana – glória do Rio Grande do Sul e do Brasil – esteve numa reunião do Sabadoyle, quando tive a alegria de conhecê-lo e saudá-lo em ata. Foi uma tarde feliz essa que o acolheu como a um belo, alto conviva inesperado.

O Sabadoyle teve 34 anos de existência contínua e ininterrupta, em apreciáveis cifras de 1708 reuniões e 1269 atas. Iniciado em 25 de dezembro de 1964, prolongou-se até 26 de dezembro de 1998, encerrando-se com ata significativamente feita pelo de todos admirado e querido Plínio Doyle. ■



Ilustração de Sônia Heinz

* Escritor e Subprocurador Geral do Tribunal de Contas da União, aposentado.

João Cabral em Porto Alegre

Sérgio Ribeiro Rosa*

A vinda de João Cabral de Melo Neto a Porto Alegre como protagonista de uma sessão de autógrafos no *Instituto de Arquitetos do Brasil* foi um dos acontecimentos mais memoráveis, dos muitos realizados na capital gaúcha pela revista *Cultura Contemporânea*. Hoje, histórica nos anais da literatura gaúcha como grande promotora cultural dos anos 60, àquela época a nossa revista – cujo primeiro número estampava colaborações inéditas de Érico Veríssimo e Manoelito de Ornellas – promoveu, em 1968, a *Imagem do Rio Grande 68*. Sem dúvida, a maior exposição de arte e de literatura do Rio Grande do Sul já realizada, até hoje, no Rio de Janeiro, ela teve a participação de inúmeros artistas plásticos e poetas, e foi divulgada por um belo cartaz de Danúbio Gonçalves.

Como diretor daquela publicação, lembro-me de haver proposto – em um dos editoriais – a criação de um *Ministério da Cultura*, em nível federal, e de uma *Secretaria da Cultura*, no Estado, ideais que, tempos depois, haveria de ver concretizados.

Essa pequena ong cultural, a duras penas, exerceu um apreciável movimento pendular na cultura gaúcha. Ao mesmo tempo que promoveu eventos de divulgação da cultura local – como a citada exposição –, trouxe a Porto Alegre personalidades famosas para palestras e sessões de autógrafos. Para essa tarefa eu contei com o auxílio, permanente e prestigioso, de um pequeno grupo de poetas que me incentivavam sobremodo. Entre eles, publicamos Carlos Nejar, Mário Quintana, Heitor Saldanha, Lara de Lemos, Paulo Hecker Filho, José Paulo Bisol, César Pereira, José Eduardo Degrazia, Isaac Starosta, Lia Luft, Terezinha Odeite, Zeferino Paulo Freitas Fagundes, Clóvis Assumpção (juiz do trabalho, atualmente aposentado), Luiz de Miranda, Joaquim Moncks e, muito especialmente, Carlos Saldanha Legendre, hoje desembargador do nosso Tribunal de Justiça. Como ilustradores da revista, dois jovens artistas que se haveriam de tornar importantes nomes da cultura negra brasileira participavam da mesma equipe: Djalma do Alegrete e Magliani.

Um dos colaboradores mais valiosos e poeta de primeiríssima plana era Walmir Ayala. Hospedado em sua residência no Rio, travei conhecimento com Álvaro Moreyra, Cecília Meireles, Raul Bopp e Rubem Braga. Foi quando ficou acertada a vinda a Porto Alegre de três ilustres autores publicados pela editora que esse último mantinha, à época, a *Sabiá*: João Cabral de Melo Neto, Fernando Sabino e o próprio Rubem. Ficou, igualmente, combinada a vinda a Porto Alegre de Clarice Lispector, evento que se concretizou posteriormente, e assunto a ser, oportunamente, memorado.

Dos três escritores que vieram em 08 de agosto de 1968, o único que conhecia a cidade era Rubem Braga. Retornando ao Rio, ele publicou, em vários jornais do País, uma de suas mais belas crônicas, intitulada “Volta ao Sul”. Nela, o grande cronista enfatiza o esforço hercúleo da revista para divulgar a cultura sulina, e as impressões sentimentais de rever uma Porto Alegre, onde já residira durante alguns meses.

Quando da chegada da

tríade notável, fui, com Legendre, ao aeroporto, recebê-los. Lembro-me da grande movimentação de imprensa e dos posteriores desdobramentos na televisão.

Os três ficaram hospedados no *Hotel Everest*. Após o almoço no *Restaurante Terrasse* – por cortesia da *Câmara Rio-Grandense do Livro* – os hóspedes retornaram ao hotel, para uma breve sesta.

No meio da tarde, recebi um telefonema do autor de *"Morte e Vida Severina"*. Ele estava com uma terrível dor de cabeça. Era a cefaléia crônica que o obrigava a ingerir analgésicos. Ao invés de pedir aspirinas no hotel, queria comprá-las pessoalmente, pois pretendia conhecer a Rua da Praia. Fui ao seu encontro e descemos a escadaria da Borges, em direção à nossa famosa via central, àquela época ainda não tão poluída visualmente como hoje.

Após a compra das célebres aspirinas, lembro-me de haver-mos, ainda, passado pela *Livraria do Globo*, que o João Cabral conhecia pelo renome de seus editados. Esticamos até a antiga *Casa Matte*, para que eu pudesse apresentar o poeta ao seu proprietário, Erbo Bruno Matte, homem culto, esposo de uma soprano e um dos raros comerciantes que incentivavam a *Cultura Contemporânea*. Voltamos pela Rua da Praia até a esquina da Caldas Júnior, onde, na redação do *Correio do Povo*, houve o memorável encontro de dois grandes vates brasileiros: Cabral e Quintana. Retornando ao hotel pelo Largo dos Medeiros, o périplo findou com a subida da Rua da Ladeira em direção ao *Theatro São Pedro*, cujo foyer foi percorrido por João Cabral. Ele apreciou, a seguir, a arquitetura do Palácio Piratini, da Catedral, e do Museu Júlio de

Castilhos, comparado pelo poeta a um famoso solar, existente em Madri.

A sessão de autógrafos foi um grande sucesso de público, havendo sido precedida, na mesma data, por uma *vernissage* de Iberê Camargo. Patrocinadores não houve, a não ser a VARIG, que ofereceu as passagens aéreas. Injusto seria, porém, esquecer o convite gentil que recebemos do Ruy Sommer para encerrar a festa na boate *Encouraçado Botekim* – a mais badalada da época – com direito a drinques e uma *canja* de músicas do grande *Lupi*.

Por derradeiro, é interessante observar que, com a morte de João Cabral – que, posteriormente, herdou de Drummond o título de *"maior poeta brasileiro vivo"* – o laurel passa hoje para um dos gaúchos presentes àquele memorável evento: o poeta porto-alegrense Carlos Nejar. ■

** Promotor cultural, editor e crítico porto-alegrense de arte e de poesia. Presidiu a Associação Brasileira de Crítica Literária.*



Na noite do *Encouraçado*, a confraternização dos escritores: João Cabral de Melo Neto com Sérgio Ribeiro Rosa, e Rubem Braga e Fernando Sabino com Carlos Saldanha Legendre. Fotos do acervo da *Cultura Contemporânea*.

Lembranças de um tradutor

José Vellinho de Lacerda*

Nos últimos tempos de faculdade e nos primeiros anos de formado em Direito, traduzi do inglês algumas obras para a nossa Editora Globo. Antes de admitido, submeti-me a um teste perante mestre Leonel Vallandro, tradutor emérito e autor, juntamente com o irmão Lino Vallandro, do que considero o melhor dicionário inglês/português já elaborado. Severo e minucioso na crítica ao trabalho por mim apresentado, acabou aprovando-o. Iniciei, então, o árduo, difícil e mal pago ofício de verter para o vernáculo alguns textos do idioma de Shakespeare.

A primeira experiência foi a tradução, com mais três colaboradores, das impressões de viagem do repórter americano John Gunther à União Soviética, que nela penetrou num ato de coragem, dado o rigorismo com que então – década de cinquenta – se mantinha aferrolhada a Cortina de Ferro. Provavelmente o pioneiro nesse desbravamento, seu relato era es-

perado com grande expectativa. Daí a pressa da editora em lançar o livro, traduzido a oito mãos. Escrito em estilo jornalístico, a sua transposição para o português não ofereceu grande dificuldade.

Já o mesmo não digo do segundo trabalho, repartido com meu irmão, Flávio Lacerda: uma volumosa História da Ciência, desde os seus primórdios. A mim tocou a primeira parte. Seus autores, metódicos em buscar-lhe as origens, não se limitaram a mencioná-las, transcreveram-lhe as fontes, enriquecendo o texto com trechos tirados de obras antigas, escritas em inglês medieval.

Num breve esboço histórico, lembro que os primeiros habitantes conhecidos das Ilhas Britânicas foram os celtas, que as cederam ao domínio romano. Este as manteve por três séculos e meio e só as deixou, quando povos germânicos – os anglos, os saxões e os jutos – se estabeleceram no leste e no sul da Inglaterra a partir do século V (a denomi-

nação “anglo-saxão” surgiu no século VIII). Após vieram os vikings, da Escandinávia. Séculos depois, seguiram-nos os normandos e os franceses. Quem fizer uma visita guiada, a pé, por York, poderá contemplar os vestígios dessas fases da história britânica. Pois bem. Foi nesses falares tão díspares – o celta, o latim, o germânico, o escandinavo, o normando e o francês – que o inglês, tardio em sua individualidade lingüística, deitou raízes.

Diz Henriette Walter, professora de Lingüística na Universidade da Alta Bretanha, referindo-se às ilhas do Reino Unido: “Nessa terra cobijada e invadida em várias ocasiões, nasceu uma língua heterogênea devido às sucessivas influências recebidas, que tirou sua especificidade e sua riqueza da multiplicidade de suas origens: germânicas do Oeste, mas também latinas, escandinavas e depois normandas e francesas” (A Aventura das línguas no Ocidente, pg. 317, Ed. Mandarim, 1997). Fechado o pa-

rêntese, volto às agruras do tradutor, que se viu a braços com transcrições do velho inglês – ainda com forte influência latina e germânica – feitas pelos ciosos historiadores da Ciência. Fácil imaginar a dificuldade da tarefa, ainda aumentada por se tratar de matéria técnico-científica, estranha para mim.

A terceira experiência foi a tradução de um romance da escritora norte-americana Pearl Buck, Prêmio Nobel de Literatura de 1938. Elaborado no ocaso de sua carreira, (passou grande parte da vida na China, onde ambientou seus melhores trabalhos – A Boa Terra, A Estirpe do Dragão, A Promessa), tratava da fabricação da primeira bomba atômica e dos dramas de consciência dos cientistas encarregados do projeto. Havia passagens difíceis de traduzir e, numa delas, parei, cheio de dúvidas. Ainda estava mergulhado nelas, quando, por acaso, vi a tradução francesa do livro. Era a salvação. Comprei-a e fui direto ao trecho que me estava causando tanto embaraço: a tradutora simplesmente o suprimira...

Cada língua tem suas peculiaridades, suas expressões idiomáticas e cabe ao tradutor encontrar na sua própria algo correspondente ou assemelhado, que seja fiel ao pensamento do autor. Não é

fácil. E a dificultar o trabalho muitas vezes estão-lhe à espera verdadeiras armadilhas, que são os falsos cognatos: palavras semelhantes na forma, porém diferentes no sentido. O inglês é pródigo nelas. Assim, *extenuate* não é extenuar, mas *abrandar*, *atenuar*; *fastidious* não é fastidioso, mas *exigente*; *gratuity* não é gratuidade, mas *gorjeta*; *adept* não é adepto, mas *perito*; *gentility* não é gentileza, mas *elegância*, *fidalgua*; *apparel* não é aparelho, mas *vestuário*; *pretend* não é pretender, mas *enganar*; *actual* não é atual, mas *real*; *eventually*, na maioria dos casos se traduz por *finalmente*; *return*, por *devolver*; *fabric*, por *tecido*; *sanguine*, por *esperançoso*, *confiante*; *hazard*, por *peri-*

go; *application* muitas vezes significa *solicitação*, *requerimento*. E a lista poderia estender-se indefinidamente. O mesmo sucede na linguagem jurídica: *life sentence* não é “sentença de vida”, mas *prisão perpétua*; *parole* não é palavra, mas *livramento condicional*; *probation* não é prova, mas *suspensão condicional da pena*; *conviction* não é convicção, mas *condenação criminal*; *tort* não é torto, mas *lesão a direito*, *dano*; *sentence* não é sentença, mas *pena*, *condenação*; *docket* não é doca, mas *pauta de julgamentos*. Não há como negar que as aparências enganam... e se não estiver muito atento, o tradutor acabará merecendo a famosa pecha: *traduttori traditori*. ■

* *Desembargador - RS, aposentado.*



Bico-de-pena de Sônia Heinz. Graduada em Pintura e Desenho pela UFRGS, e tendo realizado diversas exposições individuais e coletivas no Estado, a artista foi especialmente convidada para ilustrar páginas desta edição.

Os mortos insepultos

Wilson Chagas*

"Incidente em Antares é o grito de um rebelde isolado e defasado que se aferra com impressionante dignidade a seus valores pessoais, mas já sem as referências grupais, referências que eram o elemento fundamental em O Tempo e o Vento".

José Hildebrando Dacanal

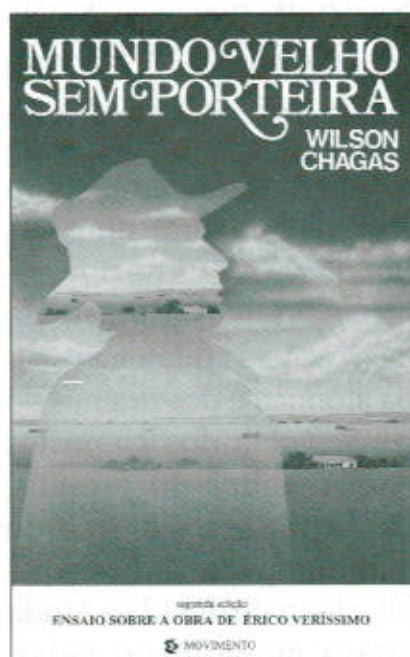
"O Tempo e o Vento: Notas para uma interpretação sociológica"

Toda a parte inicial de *Incidente em Antares* é mais um relato que outra coisa: cuida-se de rememorar, através de um que outro fato significativo – e às vezes, bem mais que significativo – os antecedentes, ou preparar, como anuncia o próprio romancista, o cenário onde haveriam de ocorrer os acontecimentos daquela sexta-feira, 13 de dezembro de 1963, a que ele mesmo deu o nome de "incidente", e portanto motivou o romance. Tendo terminado, em 1945, em *O Arquipélago*, o relato da nossa história contemporânea, percebe-se que Érico não se conteve em dar-lhe prosseguimento, no romance seguinte que escreveu, passado no Brasil (e que haveria de ser o seu último romance). Na primeira parte de *Incidente em Antares*, vemo-lo assim de volta ao seu tema predileto, que são os sucessos políticos de que foi testemunha. E de tal maneira, como vimos, a História o fascina, que ele nunca deixa de integrá-la à sua própria história: a sua narrativa de ficção, se pode dizer, tem como lastro os fatos realmente

acontecidos, ou seja, a crônica histórica. Rigorosamente, Érico Veríssimo não concebe a ficção sem a História.

O anedótico, espécie de satírico dessorado, predomina no relato da História, na primeira parte do livro. É como se o autor escrevesse a frio, sobre coisas aqui-sabidas, das quais já soubera tirar, aliás, todo o suco romanesco que comportavam. Talvez se possam contar, neste e noutros romances de Érico Veríssimo, as vezes em que a narrativa é original, criativa. Preponderam os chavões, o repetitivo, o que ele quase sempre vai buscar ao folclore histórico. Outras palavras: ele "compõe" demasiadamente os seus livros, mormente os diálogos, suprimindo com a cabeça (com o racionalmente construído) o que não encontra na imaginação.

Os personagens, durante toda a primeira parte do livro, só falam em política. Seus encontros e diálogos não têm outra finalidade. E é dos acontecimentos políticos do dia – por vezes tormentosos, como o suicídio de Getúlio Vargas –, que eles se ocupam. Através dos personagens são comentados



todos esses acontecimentos – e é essa a ótica que o romancista utiliza para manifestar suas próprias opiniões sobre os fatos da nossa história recente, entremeando os seus fios com a história muito sucinta da rivalidade de Vacarianos e Campolargos.¹ A urdidura da "estória", por assim dizer, se perde (ou se confunde) com os próprios sucessos históricos relatados. De modo que tem razão o autor quando, à p.24, explica "que o objetivo desta narrativa

é tecer um sumário pano de fundo histórico contra o qual apresentar oportunamente os macabros eventos daquela sexta-feira 13 de dezembro do ano de 1963^{1A}.

A primeira parte, intitulada "Antares", vai até a publicação, em abril de 1965, da *Anatomia duma Cidade Gaúcha da Fronteira*, que resultou de uma pesquisa feita, *in loco*, em fevereiro e março de 63, por uma equipe de professores e alunos do Centro de Pesquisas Sociais da Universidade do Rio Grande do Sul, sob a direção do Prof. Martim Francisco Terra; e termina com páginas do Diário que esse professor manteve durante a sua estadia em Antares – que o romancista achou interessante transcrever porque "menciona ou comenta pessoas e lugares que viriam a ser envolvidos no controvertido "incidente" de 13 de dezembro de 1963"². A segunda parte, intitulada "O Incidente", é bem mais volumosa: contém 294 páginas, distribuídas em 102 capítulos. Começa na "quarta-feira, 11 de dezembro de 1963", portanto na antevéspera da tal "sexta-feira 13" anunciada, desde o início, como o dia dos "grandes acontecimentos". Nela aparecerá ainda um trecho do diário íntimo de Martim Francisco Terra (correspondente, portanto, à época em que ele chefiava a coleta de dados para o levantamento sociográfico da cidade de Antares). Também do Padre Pedro Paulo, capelão da Vila Operária, são transcritos dois registros diarísticos, um deles datado de 13 de dezembro de 1963 (data do "incidente"). Por sinal, o professor e o padre se sentiram ligados, des-

de que se conheceram em Antares; e são os personagens para os quais, se vê logo, vai toda a simpatia do autor. Isto explica que torne, um e outro, autores de diários íntimos, aproveitados no romance.

A corrupção – eis o que Érico Veríssimo parece ter querido denunciar, através da técnica do "Incidente". A nossa sociedade estaria apodrecida, porque seus dirigentes (na cidade imaginária de Antares, na fronteira do Rio Grande do Sul) participavam de negociatas, tinham amantes e cometiam outros pecadilhos desse jaez. Tudo sob a capa da maior dignidade e das virtudes cristãs tradicionais. O romancista é franco nas denúncias que faz, através do processo de trazer mortos insepultos para a praça pública e lá convocar toda a cidade para ouvir o que tinham a dizer sobre os vivos. Mas, salvo o caso de João Paz, que morrera sob tortura na cadeia municipal, pouco vai além do moralismo, nessa atitude – sem falar no que há de linear na narrativa, onde os mortos são apresentados, com a maior naturalidade, como vivos-mortos (ou mortos-vivos). "Roupa suja lavada em plena praça pública"³, foi o comentário de um dos presentes, na tarde daquela mesma sexta-feira 13.

Os mortos-vivos põem a população de Antares, a começar pelos seus pró-homens, diante de uma situação, além de absolutamente imprevisível, praticamente insolúvel. Exigiam ser enterrados em seguida, como respeito devido a qualquer mortal que morre, e no entanto uma greve geral paralisava a cidade desde o dia 11,

atingindo os coveiros. Por outro lado, os próprios operários, formando uma cerca viva em frente ao cemitério, impediam que outros se encarregassem do sepultamento dos sete defuntos. Enquanto isso, empestavam a cidade com os seus corpos em decomposição já avançada.

Os mortos voltam. Qual o significado disso?

Foi essa a fábula que Érico Veríssimo inventou para os seus personagens dizerem tudo o que pensavam de seus concidadãos. Ou, nas palavras do morto-vivo Dr. Cícero Branco, como procurador dos demais, bem como em seu próprio nome: "Vossa repulsa e vossa má vontade para com os nossos corpos nos outorga a liberdade de dizer o que realmente pensamos de vós".⁴ Qual novo Ibsen, Érico Veríssimo escreve, em seu último romance, contra as "colunas da sociedade". Eis uma amostra dos anátemas que o advogado dos defuntos lança sobre os pró-homens de Antares: "Para vós o importante é que a festa continue, que não se toque na estrutura, não se alterem os estatutos do clube onde os privilegiados se divertem. A canalha que não pode tomar parte na festa e se amontoa lá fora no sereno, envergando a triste fantasia e a trágica máscara da miséria, essa deve permanecer onde está, porque vós os convivas felizes achais que pobres sempre os haverá, como disse Jesus. E por isso pagais a vossa polícia para que ela vos defenda no dia em que a plebe decidir invadir o salão onde vos entregais às vossas danças, libações, amores e outros divertimentos".⁵

"Macabro" é realmente o adjetivo que melhor qualifica os episódios extraordinários narrados nesse romance. Como se lê no relato da cena do coreto da praça que Lucas Faia escreveria no jornal da terra, "lá estávamos estarrecidos, paralisados, como se na realidade o Juízo Final tivesse chegado e o Dr. Cícero Branco, por uma dessas aberrações teológicas inexplicáveis, fosse uma espécie de anjo, de promotor, não de Deus (...) mas do demônio..."⁶ No seu longo discurso no coreto da praça central de Antares, o representante dos defuntos fala em "baile de máscaras"⁷ e em tirar as máscaras. Como se precisasse confessar-se, ou desabafar. A "hora da verdade",⁸ que tem nesse romance o seu momento culminante na obra de Érico Veríssimo, coincide com o ponto alto do seu humor irreverente, da sua sátira mais desabusada e... sinistra. *Incidente em Antares* foi escrito

com um propósito deliberado e com uma veia ferina. Pode-se dizer que é o processo da Burguesia, a denúncia da sua decadência e podridão, que o autor intentou fazer.

O incidente termina com a "Operação Borracha", desfechada por iniciativa das classes conservadoras de Antares, com a finalidade de apagar para sempre da mente de todos o estranho acontecimento. Nessa operação, desempenhou papel proeminente o banquete realizado no salão de festas do Clube Comercial, em desagravo aos injustamente "atingidos pelos insultos e calúnias partidos das pútridas bocas do advogado Cícero Branco e do sapateiro José Ruiz".⁹

Uma das personificações do sentimento de culpa na obra de Érico Veríssimo é o Mendes, secretário da Prefeitura de Antares, que tem consciência da sua própria vileza e servi-

lismo, e tenta afogar na bebida o seu autodesprezo, além de um desengano amoroso. "Quer dizer que o professor nunca encontrou um morto que se move e pensa, como se estivesse vivo?" – pergunta ele ao Prof. Martim Francisco, quando este volta a Antares, após o "macabro incidente". "Pois agora tem um aqui na sua frente, em avançado estado de putrefação física e moral. E enquanto dizia estas palavras, lágrimas escorriam-lhe pela face".^{9A}

E aí está um tema que também acompanha, como vimos, a obra de Érico Veríssimo desde o nascedouro: a sensação do lento mas inexorável apodrecimento dos seres. Aliás, a decomposição, o cheiro fétido dos sete cadáveres insepultos, é uma das notas mais salientes do macabro incidente por ele narrado, que talvez faça concorrência com o ineditismo do próprio fenômeno. ■

O presente texto foi extraído do ensaio "Mundo Velho sem Porteira" (2ª edição revista), que a Editora Movimento acaba de lançar, comemorando o quinquagésimo aniversário de publicação de "O Continente", primeira parte de "O Tempo e o Vento", obra que consagrou Érico Veríssimo como o escritor do século no Rio Grande do Sul. Autoria da capa: Péricles Gomide.

* Juiz de Alçada/RS, aposentado.

1. Amarais e Cambará em "O Continente", Vacarianos e Campolargo em "Incidente em Antares" ... é sempre através de clãs rivais que o romancista monta o cenário das "lutas de campanário" do patriciado rural rio-grandense. Ele mesmo se refere às "duas grandes oligarquias que em Antares, durante cerca de setenta anos, disputaram o predomínio político, social e econômico". – Veríssimo, Érico, "Incidente em Antares", p. 24.
- 1A. Cinco anos depois, exatamente numa sexta-feira, 13 de dezembro de 1968, era baixado o Ato Institucional nº 5, ferindo de morte o processo de redemocratização, iniciado em 1967.
2. Veríssimo, Érico, "Incidente em Antares", pp. 148/9.
3. Id. *Ibid.*, p. 373.
4. Ob. cit. p. 341. Há uma cena de "O Arquipélago" que prenuncia "Incidente em Antares": quando o Dr. Rodrigo Cambará imobilizado no leito, a tomar caldinhos, depois do edema do pulmão que o acometeu, se põe a imaginar seu próprio funeral. "Ah! como gostaria de fazer um discurso ao pé do próprio cadáver! Não seria uma oração de provocar lágrimas, não. Ia contar verdades, lançá-las como pedradas na cara de todos aqueles hipócritas" (p. 203).
5. Veríssimo, Érico, "Incidente em Antares", pp. 344-345. Volta e meia assomam nas obras de Érico Veríssimo juízos peremptórios e inapeláveis, sobre a ordem do mundo, e o que nos espera a todos – mormente os "donos da vida". Como estas tiradas do corcunda, em "Noite", que antecipam certas passagens de "Incidente em Antares": "– O que vocês querem (...) é dançar minuete, jogar confete uns nos outros. Todo o mundo tem medo da verdade" (p. 110). "– O meu consolo é que vocês capitalistas estão condenados. Entre a força comunista e um enfarto do miocárdio, não há como fugir. É questão de tempo. Está claro que há alternativas... Podem ter um ataque de cabeça e caírem mortos em cima da escrivaninha ou da amante" (p. 112).
6. Veríssimo, Érico, "Incidente em Antares", p. 343.
7. Ob. cit., pp. 341 e 344.
8. Esta expressão – "hora da verdade" – Érico já havia utilizado no capítulo final de "O Arquipélago": na cena do ajuste de contas entre Floriano e seu pai Rodrigo Cambará. "Esta é a hora da verdade", diz ele. "Quero desabafar ... e não tocar mais, nunca mais, nesses assuntos" (p. 972).
9. Veríssimo, Érico, "Incidente em Antares", p. 466.
- 9A. Ob. cit., p. 473.

Não presta...

Adroaldo Furtado Fabrício*

O que menos falta entre o povo simples do interior é credence. E um número enorme delas manifesta-se sob uma forma muito particular de proibição: o não presta. Não presta beber no balde, não presta pisar na urina, não presta o noivo ver a noiva com seu vestido de bodas antes da cerimônia, não presta apontar estrelas com o dedo, não presta comer melancia com uva... Algumas dessas interdições vêm acompanhadas de cominações mais ou menos inquietantes: não presta dar nó no par de meias porque a vida do dono fica amarrada...

São particularmente numerosos os não presta relacionados à morte e à saúde. Por exemplo, não presta mostrar no próprio corpo a localização de um ferimento ou dor alheia, sem a ressalva esclarecedora: *lá nele*. A história que segue, contada como verdade jurada por meu primo Ruy Furtado (o que não é propriamente uma garantia de veracidade...) envolve uma dessas crenças ou credences, de uma espécie bastante comum: as relacionadas com a morte.

Nas terras da muito velha Fazenda do Sobrado, então propriedade do pai do Ruy, foi encontrado morto no mato, sozinho e sem que se soubesse de doença anterior, um pobre-diabo que costumava vagar pela região, fazendo pequenos biscates e filando pousos e alguma comida onde quer que o tolerassem. Era o que os antigos chamavam *soqueteiro*, *changueiro* ou, ainda mais depre-

ciativamente, *pula-tição*. O corpo estava já completamente rígido ao ser encontrado, caído de costas com os braços abertos em cruz. Tão rígido que, mais tarde, quando se cuidou de arrumar o cadáver para as cerimônias fúnebres, foi necessário amarrar-lhe as mãos uma à outra, com um barbante, para que permanecessem juntas sobre o peito, como é de uso; sem essa contenção, os braços teimavam em permanecer largamente abertos e estendidos por força do *rigor mortis*.

Como o falecido não tinha parentes conhecidos nem alguma pessoa que lhe fosse especialmente chegada, o pessoal da fazenda tratou de cumprir o dever humanitário de enterrá-lo. Após as providências burocráticas cabíveis, arranjaram um caixão e organizaram o velório, no rancho precário que o morto ocupava lá pelos fundos do mato. Compareceram os vizinhos, gente de boa índole e de sentimentos solidários como costuma ser o nosso missionário. Para atravessar a madrugada, os homens acomodaram-se do jeito que deu em dois bancos de tábua improvisados a cada lado da mesa única da casa, sobre a qual repousava o esquife, com o que se preenchia praticamente todo o espaço da "sala". As mulheres ficaram reunidas na outra peça do rancho, mal-separada por um tabique de taquara.

Em meio à alta madrugada, sendo já poucos os que permaneciam velando, um dos presentes, após fechar um cigarro (de fumo de corda picado e enrolado em palha, naturalmente), pe-

diu fogo sucessivamente a todos os demais. Ninguém tinha. O Ruy sugeriu-lhe que acendesse o palheiro em uma das quatro velas que enquadravam o caixão, mas o homem recusou com veemência a idéia: *não presta* acender cigarro em vela de defunto. Com jeito e insistência, fazendo uma longa preleção racionalista sobre a completa falta de fundamento das credences desse gênero, Ruy foi convencendo o vivente de que não fazia sentido ele deixar de pitar o seu *baio* por uma bobagem daquelas. Fosse pelo poder de convencimento do discurso, fosse, mais provavelmente, pela exigência insopitável do vício, o homem finalmente decidiu-se, muito a contragosto, a aceitar a sugestão. Ainda hesitante e seestroso, sentindo antecipado remorso, debruçou-se sobre o caixão com o cigarro na boca, aproximando sua ponta à chama de uma das velas: é preciso lembrar que o cigarro *crioulo*, menos seco que o *feito*, não acende se não for vigorosamente sugado. No exato momento em que começava a chupar o palheiro para acendê-lo, rompeu-se o cordel que amarrava as mãos do finado, os braços se abriram bruscamente e uma das mãos bateu com força no cigarro e na cara do fumante. Ele e os outros, no susto, atiraram-se para trás, derrubaram o tabique e caíram no meio do mulherio horrorizado, que até então desfiava sonolentas avariáveis na outra peça.

Tem gente correndo até hoje. ■

* Desembargador-RS, aposentado. Presidiu o Tribunal de Justiça do RS de fev/96 a fev/98. Texto extraído do livro "Causos da Bossoroca e de Outras Querências", AGE Editora, Porto Alegre, 1999.

O Livro da Vastidão

Alberto Crusius*

Como nas narrativas de neve de Jack London, há um homem na trilha. Ele está lendo, sob a brancura impiedosa das estrelas, que lembram distantes, geladas estalactites. A metáfora é certamente aceitável: entre o homem da imensidão e o friíssimo céu noturno da região glacial, existe essa intimidade que ao longo do tempo desliza do visual para a mente, e, portanto, para a palavra, que usa tão frequentemente com os cães do trenó como o chicote:

– Uma palavra pode mudar o mundo, Husky?

O cão levanta as orelhas em ponta, ouvinte ideal e atento.

Ao lado da fogueira, sob uma breve lona, dedos muito próximos ao fogo viram páginas de um dos mais amados exemplares das *Mil e uma noites*, de que a mais amada história é possível ou certamente apócrifa, como denuncia Jorge Luis Borges: Ali Babá e os quarenta ladrões.

Ao fim da leitura, fala com sorriso amplo para o cão, em voz baixa:

– Ouro, Husky.

Com a precisão de uma resposta num diálogo, o uivo de um lobo ecoa longe, fazendo o cão-guia e os demais levantarem a cabeça.

O caçador atira uma acha ao fogo.

– Um som pode mudar o mundo, Husky?

E responde, olhando direto nos grandes olhos calmos do cão:

– Pode, Husky. Depois daquele uivo, tu e teus companheiros estão mais atentos do que relaxados, e eu mais amedrontado que pensativo...

Logo, porém, passa a mão pela cabeça do guia, rindo:

– Mas o medo é alguma coisa que se pode dominar, Husky.

Acomoda-se melhor para dormir.

E, quase adormecido, murmura a senha que todo aventureiro sonha usar para remover o obstáculo que o separa do ouro:

– Abre-te, Sésamo...

Dorme, sereno, na imensidão gelada, o pacífico sono que o desafiar a morte concede, como recompensa, a exploradores de todas as latitudes.

No dia seguinte, cruza o desfiladeiro. Não olha para o sol.

O murmúrio é respeitoso:

– O sol está imóvel, Husky.

O cão grunhe.

O homem da trilha passa-lhe a mão sobre o pelo:

– E, no entanto, Josué não ergueu os braços...

Pequenos pontos cinzentos surgem no desfiladeiro ultrapassado.

– Lobos, Husky.

Os pontos cinzentos crescem, correndo debaixo de imensas abóbadas de neve suspensas nas paredes laterais superiores do estreito desfiladeiro.

O homem da trilha passa a mão sobre as sacolas de ouro cuidadosamente amarradas no trenó:

– Este é o tesouro, Husky.

E, apontando para os lobos:

– E aquele o obstáculo que nos separa dele.

Os pontos cinzentos crescem ao se aproximar.

O homem da trilha ergue os braços e grita, longamente, prolongadamente, a palavra que no livro abria a porta da caverna do ouro.

Em qualquer língua que a pronuncie, o vento anasala as vogais, abre as consoantes, altera o todo:

– Sssésamooooo...

O alude ruge em grande ruído, suspiro num sussurro sonhado na boca de mil legiões de querubins caídos.

Os lobos estão sepultados. O homem da trilha ri e ensaia uma dança na neve alta, gargalhando:

– Uma palavra pode mudar o mundo, Husky? Uma palavra pode mudar o mundo?

Pensa no Deus, mas sua gargalhada é a de um Mefistófeles, estalando o chicote e apontando o trenó para o horizonte branco, em direção ao qual diminui até nele desaparecer para, como todo bom personagem, deixar na paisagem de nossa memória um rastro de recordação.

Afinal, ele sobrevive e faz sobreviver sua ambição num universo totalmente congelado, luta, não abandona a leitura, utilizando a luta como desculpa, e se mantém afetivo mesmo que haja apenas animais ao seu redor. Como esquecê-lo, ainda que não mudasse o seu mundo com uma palavra?

E, no entanto, muda. ■

* Auditor independente. Livros publicados: "O boxeador vai à lona". Contos, POA, RS: UFRGS, 1986. "Piazito e as estrelas". Infantil, POA, RS: Tchê, 1987. "Direitos de acionistas segundo seu capital". POA, RS: Ortiz, 1988. Publicou contos em veículos nacionais e locais que marcaram época: Escrita, Encontros com a Civilização Brasileira, Suplemento Literário de Minas Gerais, entre outros. Também roteirista de séries de quadrinhos publicados no Correio do Povo, em Porto Alegre.

Mandrake

José Carlos Laitano*

Era um velho policial. Por toda a vida cumpria o mesmo rito: atender pessoas, ouvir queixas, formalizar protestos, coletar provas. E os bandidos, absolvidos. A legislação, uma ratoeira que só apanha ladrão-de-galinha. Descrente, trabalhou pensando na aposentadoria.

Um dia de chuva e frio resolveu organizar o armário de livros velhos na garagem. Mexeu em brinquedos quebrados, jornais antigos, revistas, garrafas vazias e... o que é isto? revistas do Mandrake? há quanto tempo!

Folheou uma, depois outra e perdeu-se no passado. Viu-se um guri trocando gibis nas matinês dominicais. Mandrake! O Poder a serviço do Bem. Um gesto, e pronto! Nada de formalidades processuais, impunidades. Instantâneo, assim! - estalou os dedos - e a ordem social retoma seu caminho.

Anoiteceu, recolocou as revistas no armário e o fechou: há coisas do passado

que não devemos arrumar, considerou.

Dia seguinte, a rotina.

Quando vestiu o casaco caiu no chão a sua carteira funcional. Um brilho, uma aura fulminou o documento. Jurou ter ouvido algo como *shazam*. Surpreendeu-se cuidando os lados na expectativa de ver o Capitão Marvel - quem sabe? e a partir de então nunca mais foi o mesmo.

Ao chegar no centro da cidade ouviu alguém gritar: "pega ladrão!" e o próprio passou correndo. Conteve o impulso de persegui-lo concluindo, por cacoete profissional, que isso é serviço de polícia-militar.

Ante seus olhos formou-se, por instantes, o quadro de mais um ato de violência sem o devido castigo. Apertou os dentes com raiva, as palpitações aceleraram e, ao pensar no coração, lembrou a carteira. Tirou-a do bolso, elevou-a acima da cabeça com o escudo voltado para o ladrão e

gritou: Mandrake! - e o biltre congelou.

Meu Deus, funcionou!

Mandrake! Mandrake! Mandrake! Adeus provas, adeus audiências, adeus sentenças, adeus absolvições. Só Mandrake, Mandrake, Mandrake! Mandrake no Governador para resolver a pendenga dos vencimentos, Mandrake para aquele advogado chicanista, Mandrake, Mandrake!

Por algum tempo transformou-se no baluarte da sociedade, paladino da justiça, salvador da pátria.

Então perdeu o Poder - castigo dos deuses - na única vez em que usou a carteira para satisfazer interesse pessoal: estacionou o carro num local proibido e foi multado. Tentou convencer o guarda que ele era uma autoridade e, além do mais, para que tanto rigor? Não houve jeito. Os tempos mudaram, concluiu o velho policial. Escondeu a carteira, desfez-se dos gibis e filiou-se ao partido monarquista. ■

* Escritor e Juiz de Direito/RS, aposentado. Diretor Cultural da Ajuris e da AMB.

A loba de Roma

Jane Fischmann*

Sentia demasiado peso, não podendo debitar à idade (afinal iniciados 47 anos), ou ao fardo de papéis que carregava de forma mecânica, de um lado para outro. Tinha a sensação desconfortável que apenas trocava os processos de lugar, numa tentativa inútil de aparentar um estado de mudança.

Começou a pensar na ironia da palavra *processo*.

Ao tentar ajeitar um volume que lhe caía desastrosamente no lado esquerdo, um grampo afiado penetrou-lhe na mão, ameaçando o sangue contaminar todas as pardas capas.

Deixou-os cair, esparramados, no chão. Sentou-se nos degraus da escada, as lágrimas fazendo competição com o filete de sangue, a vida passando teimosamente pelo vídeo da memória.

Onde estava o vigor e a teimosia dos seus 23 anos? Das noites em claro, a bunda grudando na cadeira de palha, levantando devagar para descolar o que mais parecia um *wafer* pronto a ir para a torradeira. Entretanto, naqueles tempos, nada lhe doía. O curativo da esperança, dos sonhos de fazer algo significativo, tocar a vida das pessoas, era anestésico poderoso a curar todas as feridas, apagar qualquer sinal de cansaço.

Hoje, até a alma dói.

Agora, com a proximidade da aposentadoria, teimava em não fazer uma prestação de contas com a sua história. Com certeza, não iria ser absolvido da sua mesmice, da sua complacência, da ausência de estranhamento

com o sofrimento alheio. Uma vida tranqüila, o carro do ano, filhos na universidade, o que faltava?

Onde começou a ruir o edifício seguro que projetara para a sua vida? Que material tinha utilizado na construção? A placidez, a calma, o equilíbrio, a sensatez, a distância, a imparcialidade, não era tudo de primeira?

A ousadia? Não, este material nunca fez parte da sua obra.

Refletia, tentando juntar os papéis, quando uma cena inusitada lhe desviou do seu objetivo. Uma mulher, com uma touca metida na cabeça, com os dois seios de fora, amamentava duas crianças, em torno de quatro e cinco anos, que estavam em pé. O corredor, pequeno, abafado e escuro, estava lotado. O cheiro de suor, misturado ao molhado das roupas da chuva, acrescentava ao quadro uma visão surrealista.

Era mero espectador ou estava dentro da cena?

Desejou ardentemente que aquele caso não fosse incumbência sua, pois o corredor dividia com duas colegas.

Era.

A sua sala ficou destruída em cinco minutos. As crianças, mudas por falta de estímulo e afeto, falavam com o corpo, pulando por cima e por baixo da mesa, parecendo saídas de um filme de desenho animado sem roteiro.

A mulher, com um olhar profundo, machucado, traduzindo em sua expressão todas as misérias da natureza humana, dizia apenas: ajude-me!

Podia? Entre tantas? Entre mil? Dois mil?

Num impulso, por instinto de sobrevivência mental, resolveu batizá-la, escrevendo ao lado do número do processo: a loba de Roma.

Tomou pequenas iniciativas, dessas que não estavam nos livros, mas na alma das pessoas. A partir daí, com nomes de batismo foi atrás de outras personagens, acrescentando nomes à sua solidão, ferindo mortalmente sua onipotência de sozinho tudo resolver. Dizendo, apenas, é nossa responsabilidade, convenceu, comoveu, mudou, incentivou, criou, transformou, iniciou um novo atuar.

Sua agenda transformou-se em: *a mulher da casa grande, Maria das paredes, o pequeno polegar, o casal do mato, o menino da janela, a mulher da cerca, a costureira chorona, o homem do escorpião, Sissi - a imperatriz...*

A todos uma atenção, um encaminhamento, uma resposta diferente daquele possível do Código, do carimbador maluco. Coisas simples, singelas, que impediam o barco da sensatez de desaparecer anonimamente no triângulo do tédio.

- *Dr., está aí fora o menino das caveras, diz que o pai tem algo importante a dizer...*

O homem sorriu - Caveras era o nome da escola do garoto. Com o *apelido*, a imediata lembrança daquele caso.

Entre, entre...

Estava ocupado, empilhando. Agora não mais apenas processos pardos, mas os tijolos de sua nova cidade. ■

* Juíza-Pretora - Cachoeirinha/RS. Psicóloga. E-mail: janefi@logic.com.br

Soneto da Enseada

Importante poeta e romancista brasileiro, **Lêdo Ivo**

colabora pela vez primeira no **Caderno de Literatura**, com estes poemas inéditos. Para nosso encantamento. Membro da Academia Brasileira de Letras, o escritor nasceu em Maceió, Alagoas, em 1924. Recebeu diversas distinções em sua trajetória literária, entre as quais o Prêmio Graça Aranha pelo romance "As Alianças" (1947); o Prêmio Mário de Andrade pelo conjunto da obra (1982), e o Prêmio Homenagem à Cultura, da Nestlé, por sua produção como poeta (1986). Foi eleito *Intelectual do Ano* em 1990, recebendo o Troféu Juca Pato. Tem publicados vários livros, entre eles "Os Melhores Poemas de Lêdo Ivo", "Os Melhores Contos de Lêdo Ivo" e "Um Domingo Perdido", todos pela Editora Global.

Sou sempre o que está além de mim
como a ponte de Brooklyn ao pôr-do-sol.
Sou o peixe buscado pelo anzol
e o caracol imóvel no jardim.

De mim mesmo me parto, qual navio,
e sou tudo o que vive além de mim:
o barulho da noite e o cheiro de jasmim
que corre entre as estrelas como um rio.

Quem atravessa a ponte logo aprende
que a vida é simplesmente a travessia
entre um aquém e um além que são dois nadas.

Na madrugada escura a luz se acende.
Que luz? De que vigília ou de que dia?
De que barco ancorado na enseada?

A Carga

Uma rua me conduzia até o porto.
E eu era a rua com as suas janelas dilaceradas
e o sol depositado na areia materna.
Eu levava para a beira do mar tudo o que surgia
à minha passagem: portas, rostos, vozes, colônias de cupim
e réstias de cebola que amadureciam na sombra
dos armazéns providos. E sacos de açúcar. E as chuvas
que haviam enegrecido os telhados das casas.
Era um dia de dádivas. Nada estava perdido.
As ondas celebravam a beleza do mundo.
A terra ostentava a promessa da vida.
E eu depositava a minha leve carga
nos porões dos navios enferrujados.



Bico-de-pena de Sônia Heinz

Poemas de Paulo Fabris*

Paisagem com crianças

Subway

Os plátanos da Rodoviária
desfolham a primavera
em suas águas-furtadas.

Os ciprestes da Elevada, sequiosos
de argila e orvalho, alçam galhos
em direção à Rua da Praia.

Migrantes, na mansidão da passarela,
equilibram flutuantes fios
de laço e memória.

O rio – para eles – é a última janela
antes do ingresso no túnel
terroso, úmido, clausurada esfera.

O meu é o país da neblina
do nevoeiro que desce entre morros
dos pêssegos maduros de Natal
dos ovos pintados na Páscoa.

O meu é o país das crianças
remelentas descendo o morro
dos pêssegos no nevoeiro da Páscoa
do Dia de Finados cinzento como um ovo.

Meu país de meninas migrantes
que pintam enfeites de Páscoa
vendem pêssegos em cestos trançados
e se parecem com crianças mortas

descendo o morro no Dia de Finados
remelentas no meio de lodo e barro
iguais a tantas que somem no nevoeiro
e zombam de enfeites e ovos de Páscoa.

* Médico e poeta – Porto Alegre. Tem poemas publicados na imprensa e em antologias.

Canção da bruma

Jorge Adelar Finatto*

Senhor
quando chegar
a minha vez
de cruzar a ponte
deixa eu levar comigo
no alforje de nuvem
os dias de sol

as tardes
de outono

os pinheiros
da serra onde
nasci

deixa eu levar
o som do riacho

as antigas
conversas
da Rua São João

me concede
a memória
dos amigos
da infância

na bruma
que serei
me alcança
um bosque
e pássaros
para tecer
a minha casa



*Juiz de Direito - Porto Alegre. Do livro "O habitante da bruma", Ed. Mercado Aberto, 1998.

Ilustração em bico-de-pena de **Nathaniel Guimarães**. O artista figura entre os mais conhecidos aquarelistas brasileiros da atualidade. Desembargador/RS, aposentado.

Esperando

Antonio Kleber Mathias Netto*

As paixões já devassaram
cada canto de minha alma.
Sobra um campo devastado,
obumbrado, solitário,
melancólico.

É sertão de seca intensa,
moradia de fantasmas.
Caminhando sobre os seixos
dos leitos rudes dos rios,
dou-me às lágrimas.

Anoitece na tapera,
vivificando a memória.
Houve um tempo de luxúria,
de libido incendiada,
que hoje é sonho.

O vazio que me assume,
de cósmicas dimensões,
integra-me ao mato rude,
esturricado e cinzento.
Puro caos.

Não sinto raiva, não sofro.
Sou como o mandacaru
e o xiquexique espinhoso,
deitados sobre a esperança,
esperando.

Acontece que esperar
pelo trovão benfazejo
é emoção de terra seca,
de vegetação crispada,
nunca da alma.

** Juiz de Direito/RS, aposentado.
Do livro "Tuna", Menção Honrosa
no Prêmio Carlos Drummond
de Andrade, da União Brasileira
de Escritores, 1999.*

Felicidade

Manoel Celeste dos Santos*

Hoje estarei poeta
Mas a cabeça dói
Passa-dói passa-dói
Dói-passa
Estarei sofrendo porque vocês não são felizes
Estarão em transe de aprendizes?
Mas se nem os cientistas definiram ou
conceituam a felicidade
como posso achá-los infelizes?
Estou hoje pensando porque
Não sei o que é felicidade
Surto - flutuação - hiato?
Tudo é muito lato
Com quantas venturas se faz o estado?
A felicidade é talvez uma efusão
De um destinado
Que vem do coração, ou não?
E verão que não adianta não
A felicidade é um sintoma
Um momento de coma
Uma gira por outra dimensão
Exclusiva ou coletiva?
De uma coisa a certeza
É temporária
Pode ser transacionada, vendida?
A felicidade é tão falada
Muito se vende sobre ela
Paraísos indivisos
Mas será presa ou alada?
A felicidade é o ficar de cada um
Sem qualquer programação
Ou prévia sensação
A felicidade é uma aurora do agora
Ou do nunca
A felicidade é gênero efêmero
De espécies como alegria, satisfação, festa
Que pode nem ser desta
A felicidade é uma flutuação-limite
Que me faz ficar quite
Do equilíbrio do tudo e do nada
Que está em todos ou em alguém
Só no momento de cada
Coincidindo com instante de Deus.

** Desembargador/RS, aposentado.*

Poemas de Carlos Saldanha Legendre*

Mareação do adeus

Para Antônio Carlos Osório

Quilha de sal, adeus na bruma
nos une além, fora do medo.
Não há farol, quando há degredo.
- Quem tanto chora em chão de espuma?

Mastro plantado em cada cedo
de aragem pura, rosto numa
orla de grito, água nenhuma
lá, onde o abismo fez-se quedo.

Velas, levais a bem longo acre,
dobrai-vos: míseras, escorrem
as esperanças já sem lacre.

A viração do ignoto acorre
a esta aurora de massacre,
ungindo o porto onde se morre.

Morte na estrada

In memoriam do poeta Vicente Moliterno

Um automóvel corre na neblina.
Eu vou sentado, cego, a seu volante
traíçoeiro. O gado e a triste lua minguante
estrumam solidão pelas esquinas

do campo. Calcinaram-me as retinas
com sono mais antigo que este instante.
Gemem as vértebras ao fel do guante
que envolto a noite move nas ravinas.

Diviso o corpo lívido das lebres
perdendo-se em pomares desmaiados.
As pálpebras já caem em véus de febre.

De pronto, sangro em seco bater de aços:
- a ponte, às vezes, leva a outro lado.
Eu me conduzo morto sobre os braços.



Detalhe de gravura de Sueli Mousquer, artista plástica de Santo Ângelo, radicada em Porto Alegre.

*Desembargador/RS. Livros publicados: "Canto ao Mar de Piriápolis", Ed. Rogilma, 1962 (1ª ed.) - Ed. Cultura Contemporânea, 1998 (2ª ed.). "Inventário do Canto", Ed. Cultura Contemporânea, 1971. "Antologia da Poesia Brasileira Contemporânea", Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1986. "Elegia à Lesma" (em preparo).

A procura

Justino Vasconcelos*

Os ventos nada guardam
de perfumes e canções:
carregados de distâncias,
eles ansiosamente procuram;
por sobre os mares, procuram,
e os desertos, procuram,
contra os penhascos, procuram,
por entre as brenhas, procuram,
dilacerados de ausências.

Ventam os ventos,
ventam e continuam ventando,
sem regresso, a procurar.

** Ex-Presidente do IARGS (66/72), Ex-Presidente da OAB/RS (73/81). Poeta, novelista, pintor, escultor e jurista. Do livro "Regresso", no prelo.*

O que mais conta

Adauto Suannes*

Não a rosa, mas o gesto
Não o tapa - a indiferença
Não a mão, senão apoio
Não o beijo, mas o afeto

Não a nau, mas a viagem
Não o sol, porém a luz
Não o teto, mas o abrigo
Não a vida, mas o amor

Não a lua, mas a calma
Não o tempo, mas o instante
Não o abraço, mas a estima
Não a morte - a eternidade

** Desembargador-SP, aposentado.*

Sensibilidade

Irineu Mariani*

Na ponta dos dedos,
a forma.
No som da música,
o colorido.
No conto do sonho,
o mundo.

No timbre da voz,
a alma.
Na união dos sentidos,
a vida.
No mistério dos sentidos,
o amor!

** Desembargador/RS.*

Dois poemas inéditos de **César Lattes** (Cesare Mansueto Giulio Lattes, nascido em Curitiba, Paraná, a 11 de julho de 1924). Atendendo convite do **Caderno de Literatura**, o cientista mostra que, além de ser um dos mais importantes físicos deste século, é pessoa de sensibilidade e bom poeta. Entre outras realizações científicas, César Lattes conseguiu, pela primeira vez, produzir artificialmente os mésons pions em 1948, consoante informa o verbete da Enciclopédia Barsa. Por sua contribuição na ciência, recebeu diversos prêmios e homenagens, como a de Gilberto Gil em seu CD "Quanta", e a registrada nos versos de Cartola e Carlos Cachça: *"Tu és meu Brasil em toda parte/ quer na ciência ou na arte.../ homens que escreveram tua história/ conquistaram tuas glórias/... e neste rude poema destes pobres vates/ há sábios como Pedro Américo e César Lattes"*.

O **Caderno de Literatura** solicitou a César Lattes que falasse sobre poesia:

"Não conheço o significado da poesia na vida das pessoas em geral. Por outro lado, acredito que o efeito da poesia (boa poesia) pode ser extremamente benéfico por inspirar bons desejos nas pessoas e também uma melhor compreensão do mundo, e particularmente dos seres sensíveis".

O destacado artista plástico brasileiro **Paulo Porcella** produziu a obra de arte que ilustra esta página. Como se vê, feliz encontro de dois talentos notáveis.



**Silêncio por dizer tudo:
do porquê deste existir
silêncio para fingir
que sem querer se está mudo**

**A única diferença
entre um cadáver e eu
neste momento é que eu
ouço o tic-tac do relógio**



O encardido da vida

Afif Simões Neto*

A estreiteza da relação que há entre o homem e o rio é tão real quanto a existência de um e outro. No começo são límpidos, cristalinos, dotados de uma pureza bucólica; na medida em que evoluem, vão se impregnando de substâncias que adulteram o conteúdo poético inicial. Depois, para o rio tudo é apenas esgoto, lama, mar. Para o homem não sobra muita coisa além de sofrimento e desilusão. São estágios irreversíveis, simbolizantes de um mesmo princípio e término.

Pensando nisso é que me lembrei do que o mundo te aprontou, meu companheiro Toninho Boca de Jundiá, depois que os anos converteram os calendários em meras paisagens rotas.

Éramos grudados amigos de um tempo que os mais velhos chamam de mocidade. Cada qual com pequenos projetos de vida na mente e um boletim sujo, de notas vermelhas, no bolso. Mas esse tempo foi adiante apressado e, como os circos, só deixou saudade a estes frustrados sonhadores do interior. Ainda assim eu não queria ter te encontrado naquele estado miserável de dar dó. Até pensava que não moravas mais por estes lados.

Afinal, quando os filhos crescem e trocam de estrada real, a gente até ajuda a carregar as tralhas e acaba se esquecendo do caminho de voltar.

Tenho que confessar que andava meio deslembado da nossa amizade, embora te incluisse, vez que outra, nas minhas rezas sazonais. Ontem, ao me deparar contigo, depois de anos e anos, na calçada do fórum, bêbado àquela hora da manhã, sem dentes, camisa pela metade, parecendo feito de cera de vela, tive vontade de sentar junto ao cordão da rua e chorar, chorar por ti, meu companheiro Toninho Boca de Jundiá, chorar por nós.

O que foi feito dos teus desejos? Eram tão planejados... Para onde foram? Sei lá... De repente colorem hoje o bolor deste cotidiano, sem ninguém ficar sabendo. As tuas fantasias, pelo jeito, foram junto com o último carnaval, confundidas com o resto de serpentina que o pierrô recolheu ao bolso



como lembrança da festa.

Mas há o encardido da vida, que nos tornará semelhantes quando o sino da catedral bater fragmentado, chamando pelo sinal de ir embora. Um coral de vozes roucas fará o fundo musical no momento em que houver a ruptura da hora. E então seremos iguais, completamente iguais, com as tantas diferenças, meu velho companheiro Toninho Boca de Jundiá. ■

* Juiz de Direito - Pelotas/RS